

Livres na noite

REPORTAGEM

Paulo Graça

paulo.graca@jm-moderna.pt

A reportagem do JM esteve uma noite com três jovens, que nos elucidam sobre o que fazem a maioria dos jovens na noite.



Jovens reúnem-se em bares e outros locais, onde brindam à noite (foto tirada com jovens a brindar com bebida de maracujá).

A hora marcada, Ruben, Dani e Pedro, nomes fictícios, estavam no local do encontro. Vestidos a rigor, calças de ganga, camisas claras, casaco preto, perfumados, gel no cabelo, sorridentes, estavam prontos para a noite. «É a primeira vez que saímos como um adulto no grupo», diz o Pedro, o mais novo e o mais velho de todos. Tem 16 anos, ainda menor mas um jovem habituado a andar na noite. Descemos a rua do Anadia, e a primeira paragem é num centro comercial. «O que vem aqui fazer?», perguntamos. Já tinha

o Ruben, 15 anos, entrado supermercado adentro. O Dani, 15 anos, o Pedro e a reportagem do JM. Malceira ficam à porta, agora no lado da Fernão Ornelas. «Precisamos de uma "litrax" e de uma garrafa de "cosceola"», refere o Dani, abrindo o seu casaco preto todo engomado, apertado ao peito. «Tinha aqui um "liquida" caseiro que trouxe de casa», acrescenta. Entretanto, Ruben sai do supermercado de asso na mão, sobe pela rua do Ribeirão, volta a estar no grupo. «Agora, vamos até à Praça?», perguntou. Depois de olharem, os três, apontados para nós. «Lembre-

66

«Os meus pais querem que me porte bem e que esteja em casa até às 6 horas da manhã. Até hoje não falhei»

se que apenas aqui estamos para vos ver e não controlar, essa não é a nossa função. Isso deve ser os vossos pais».

Olhar fixo, cabeça baixa, Dani avança até nós e responde. «O meu pai nunca me colocou em travo, nem perguntou o que faço ou deixo de fazer. Quem é que esteja em casa até às 6 da manhã, já está uma sim no telefone, a marcar horas para "mais logo" numa discoteca, com outros amigos. Já Pedro afirma que «nunca teve problemas com os pais», pois também nunca pisou «o riscos. Ruben abusa a cabeça e confirma. Mas, perguntamos, «o

que fazem vocês, afinal, até lá, até a hora marcada pelos vossos pais para estarem casa?»

Já sentados os quatro, junto ao cais, o movimento aumenta, com muitas pessoas a passarem com a linha do horizonte lá longe. «Fazemos aqui um "encontro" para gastar aquilo que se traz de casa ou se compra no supermercado.» A li-trossa caí, entretanto, vazia e junto ao Ruben, enquanto o Pedro tira um copo de plástico e passamos às bebidas mais fortes. «Já não é cedo e temos de beber o que se traz de casa. Só tenho euros suficientes para entrar na discoteca e depois...»

ir de autocarro para casa. É por isso que fazemos estas "encontros" aqui. Hoje só estamos os três por sua causa (JM Madeira), mas aqui podiam estar uns nove ou dez, uns a fumar, outros a beber, outros a namorar», continua o Dani. Daqui o caminho é umas voltas por «alguns bares da zona "Velha"» e depois segue-se para uma discoteca.

«Quando há um ou mais amigos com dinheiro, de famílias mais "arrastadas" do que a nossa, com outras possibilidades, comprimos bebida nessas bares, comprimos cigarros e até outras coisas. Ou então faz-se uma "vaquinha" durante a semana para fazermos estes encontros e bebermos», afirma o Pedro.

Depois de várias horas, muitas delas paradas e só a conversar e beber, os três amigos seguem caminho, já com a roupa "crusulhada", alguma peça já suja de estarem sentados na pedra da calçada fria. «Vamos atravessar aqui a Avenida, seguimos até lá o fundo, é onde estão os nossos amigos e amigos. Agora é dançar e fazer a loucura total». Mas «conseguem entrar sem serem questionados?», voltamos a perguntar. Com as palavras atropeladas



Muitos dos jovens fazem do seu grupo a alegria de passar uma noite a divertirem-se, longe dos olhares dos pais.

pela língua, já alguma desorientação motora, o Pedro volta a responder e a elucidar o JM. «Evidentemente que não. Perguntam, às vezes, poucas, muito poucas, pede-nos o BI, Mas

é raro. Desde que haja dinheiro, eles deitam entrar», remata. Aqui, junto à porta, era o nosso acordo com os jovens para o final da nossa reportagem. E assim foi. Os três, ainda

cada um com 10 euros no bolso, seguiram para a "discos", sem que nos cerca de cinco horas que os três jovens e a nossa reportagem se juntaram, nem uma pequena chamada, um

ans, outro contacto fosse realizado por alguém da família. Não sabemos o que acontecerá no resto da noite... a final até se sabe. Talvez um dia possamos contar! JM

A Idade e o que se consome

No ano passado houve um estudo sobre vícios nos adolescentes portugueses. Segundo esse, as dependências tiveram no consumo de álcool a sua preferência. Mas o tabaco, as drogas, e até medicamentos (tranquilizantes e sedativos), seguiram nas preferências dos jovens na noite.

É por volta dos 13, 14 anos que começa-se a experimentar e aos 15, 16 anos, que surge a autorização dos pais para sair à noite. Esta também é a idade em que o consumo começa a tornar-se habitual. Os jovens procuram menos as bebidas alcoólicas mas há mais a procurar o jogo. Na nossa ronda, andámos pelos bares da "Zona Velha", pelas rouletes e pela discoteca.

Em todas, a bebida e o tabaco é de fácil acesso, sempre à

"grande e à francesa". Não há qual tipo de restrições ou limitações.

BEBIDAS:



Os jovens do sexo masculino procuram quase sempre a cerveja, quanto maior melhor. Os chamados baldes ou canecas são muito consumidos.

é a bebida mais popular, por sua vez, as raparigas apostam nos "shots" das bebidas destiladas.

Não vimos ninguém a beber vinho nesta faixa etária.

TABACO:

Na "Zona Velha", foi evidente o cigarro tradicional nas mãos de muitos jovens, como vimos muitos comprarem maços inteiros. Na discoteca, foi também evidente.



DRUGAS:



No caso das drogas, só vimos dois jovens, na "Zona Velha" meios "afinados" com o nosso olhar fixo. Pareciam controlar um cigarro qualquer tipo de estupefaciente. É verdade que não vimos muita procura por estas drogas, as chamadas leves.

INTERNET E JOGO A DINHEIRO:

Em relação ao jogo a dinheiro, há muitos jovens a apostar no Placard e a jogar no Euro-milhões, quase todos menores

de idade. Este é, também, um vício. Aliás, basta passar pelas casas de apostas para ver lindos jovens a fazerem apostas nos placard. Mas a noite é um terreno fértil para o jogo a dinheiro. Porém, no local em que há jogos a dinheiro, no Placard, apesar da nossa passagem rápida, é verdade que não vis lumbrosos adolescentes. A entrada era muito rigorosa e nós, por exemplo, tivemos de apresentar documentação para poder entrar e permanecer na sala de jogo. JM



OPINIÃO

Diva Fernandes

Psicóloga



O que fazem os jovens na noite

Noutros tempos, talvez há 10 anos atrás, a noite era mais conotada com essa forma de libertação... Cada vez mais, deixa de ser preciso fazer "noite" para que os jovens tenham "primeiras experiências" e se envolvam em comportamentos de risco.

O consumo de álcool e drogas,

funciona como desinibidor e está cada vez menos associado à noite, talvez precisamente pelo facto de assistirmos cada vez mais a proibições dessas saídas por parte dos pais ou responsabilidade legal do jovem - que têm cada vez mais meios e a ambição de serem pais perfeitos;

Os jovens vão à procura de alguma adrenalina, sensações de perda de consciência, fuga à realidade, alienação de responsabilidades ou preocupações diversas, alterações da percepção e desinibição para fazerem o que no seu estado normal não seriam capazes ou possivelmente de fazer - e isto serve para jovens, mas também para adultos, em grande parte dos casos.

As ações de fiscalização talvez sejam menos frequentes que o desejável pois responsabiliza-se o exercício parental, "se os pais não deixam sair, que se responsabilizem pelos comportamentos que estes assumem"; e por outro

lado espere-se responsabilidade acrescida, claro está, de quem faz a própria venda. No entanto, sabemos bem que esta é uma questão facilmente ultrapassada pelos próprios jovens, que não raras vezes, pedem aos mais velhos, com idade legal para o fazer, que comprem bebidas alcoólicas e tabaco, por exemplo; é fácil os relativamente mais velhos acederem ao pedido, pois não podemos esquecer o facto dos consumos de bebidas alcoólicas serem tolerados e aceites socialmente;

Ou seja, de quem é que tem de vir a consciencialização maior? A consciência de que este ou aquele produto pode trazer consequências negativas para mim e para os que me rodeiam? A consciência de que tudo o que faço de forma desinibida sob o efeito de algumas substâncias pode trazer-me sensações de prazer no momento, mas que à posteriori podem trazer conse-

quências muito negativas? O próprio jovem.

Nesse sentido, obviamente, a família e a escola são fundamentais neste processo de maturação e consciencialização. A aposta na prevenção primária tem sido grande e já há muitos anos faz-se nas escolas da região através de um programa que chega a todos os alunos dos 2.º e 3.º ciclos.

É muito útil em casos mais complexos recorrer a organizações mais ou menos formais para fazer com que os jovens fiquem sensibilizados e se apercebam, na prática, das consequências graves e negativas que alguns destes comportamentos de risco trazem para a vida dos próprios e dos que lhes são próximos.

A nossa função é impor-lhes as regras com coerência - se lhes digo que é mau beber até cair, não posso eu ter esse comportamento - devemos explicar as

regras do jogo de forma sensata e equilibrada, tendo em conta a própria fase de desenvolvimento e maturidade do jovem - e essa é a função deles - para o cumprimento dessas regras (se acontecer) designadamente, estando definido o que acontecerá se esta ou aquela regra não for cumprida.

Não tenho visto que a proibição das saídas traga grandes vantagens, relativamente a pais que permitem que os seus filhos saiam de forma regrada sobredito com quem e para onde vão, a que horas e como regressam e o estado em que regressam, estando estabelecido entre todos as consequências que terá, infringir alguma dessas regras e não respeitando o que tenha ficado definido. Isto é responsabilizar os jovens, ajudá-los a crescer, prepará-los para a vida e não "enjuai-las". JM

A informação e o esclarecimento é a melhor prevenção

António Marques

Sociólogo



bebidas alcoólicas, principalmente os rapazes, a circunscrição é então a faziam em momentos específicos como aniversário, arraiais da freguesia e nas festas de natal. A bebida era vinho ou sangria e eventualmente cerveja e heuses. Os adolescentes pouco saiam do controle familiar, havia regras e quebrá-las podia tornar-se algo doloroso...

Hoje, tudo mudou. Mudaram os jovens, as famílias e principalmente as regras. Passou-se do 8 para o 18. Atualmente, o adolescente sai para uma festa ao fim de semana, tomou-se um banho, levando-o a rituais diários e jogos perigosos, em que qualquer precaução serve para beber rápido. Não jantar, o que importa não é a refeição mas a bebida (não a quantidade mas a quantidade). A ingestão de bebidas alcoólicas tornou-se desta forma uma prática corrente e a forma mais fácil de quebra-gelo e de socialização.

Os pais sabem disso e natu-

almente controlam esta prática. A forma como (não) é exercida a autoridade parental nos dias de hoje, faz com que os jovens adolescentes façam praticamente tudo o que lhes apetece...

Há algum tempo atrás no programa Madeira Viva da RTPM falei para este problema dizendo, nomeadamente, que na Madeira o problema do álcool na adolescência é maior do que os casos de outros aditivos. É, no meu ponto de vista, o problema nem está na lei nem tão pouco na aplicação da mesma. A maior parte dos adolescentes bebe mas não o faz adquirindo bebida nos locais de diversão (ou, se esses são poucos e os preços elevados). Trazem as garrafas de casa ou os mais velhos adquiriram-nas nas grandes superfícies. Ironicamente este fato faz com que bebam maior quantidade porque pelo preço de uma bebida na discoteca compram uma garrafa de qualquer mistura com elevado teor alcoólico.

Devo modo, torna-se imperioso que os pais estejam atentos aos sinais emanados pelo jovem e que tenham uma participação mais ativa na vida do adolescente. Que saibam impor-lhes limites. O "deixa andar" pode conduzir ao abismo. A pressão não vai ser a solução porque mais cedo ou mais tarde vai aparecer a oportunidade. Existem sinais que evidenciam o consumo excessivo de álcool por parte do jovem. Falar garrafas em casa, levar sempre bebidas alcoólicas para as festas, aceder constantemente com dor de cabeça após uma

sem muito aparente, são indícios de que o adolescente já entrou num jogo perigoso e precisa de ajuda rapidamente, para não se tornar num viciado.

A informação e o esclarecimento é sem dúvida a melhor prevenção. Conversar com o adolescente, sem ser em momentos de pressão, explicar-lhe que quando está alcoolizado, tem tendência a expor-se a comportamentos de risco, como ter relações sexuais sem proteção e consumir drogas, falar-lhe que não precisa de beber para se divertir ou ser aceite pelo grupo, dizê-lhe que deve evitar as bebidas brancas como vodka, tequila, rum e aguardente que são muito mais prejudiciais. Se ele vai sair à noite com os amigos, saiba quem são os seus amigos e vá buscá-lo em hora combinada. As horas de saída são quase sempre as mais perigosas.

É fundamental que o adolescente se aperceba que a sua família se preocupa com ele e

panorama é por demais evidente e observável por todos os nossos adolescentes experimentam e azeizam cada vez mais precocemente na ingestão de bebidas alcoólicas. É, se é verdade que no passado as famílias eram relativo-